

Mobilidade residencial e dinâmica das transformações socioespaciais na metrópole belo-horizontina

*Jupira Gomes de Mendonça**

Resumo

A autora estuda as mudanças no perfil habitacional de Belo Horizonte nos últimos anos, de acordo com os dados de uma pesquisa de origem e destino de moradores realizada em 1992. Esses dados permitem verificar a mobilidade intra-urbana, ao contrário dos dados censitários, que registram apenas as informações relativas à migração entre municípios. Entre as conclusões da autora, está a observação de que a metrópole belo-horizontina se configura como um *continuum* territorial, no qual uma grande região de espaços intermediários vai se tornando mais heterogênea, com a mescla de segmentos médios e operários, por um lado, e de segmentos operários e populares, de outro.

Palavras-chave: mobilidade intra-urbana; *continuum* territorial; espaços intermediários.

Abstract

The author studies changes in the habitation profile of Belo Horizonte, according to data collected in a piece of research on intra-city traffic of residents, carried out in 1992. Contrary to census data, that register only information about migration between municipalities, these data allow evaluation of intra-urban mobility. Among the author's conclusions, it is observed that the Belo Horizonte metropolis configures itself as a territorial

* Arquiteta e urbanista, professora adjunta na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: jupira@ufmg.br.

continuum. With the mixing of middle and working class segments, on one hand, and of working and popular class segments, on the other, a variety of intermediate spaces increasingly become more heterogeneous.

Key-words: *intra-urban mobility; territorial continuum; intermediate spaces.*

O padrão de crescimento populacional na metrópole belo-horizontina, nos últimos vinte anos, não difere muito daquele apresentado pela maioria das regiões metropolitanas brasileiras: diminuição nas taxas de crescimento do núcleo central (com perda populacional na área central da capital) e alto crescimento nas áreas mais periféricas.

Nos anos 1980, os municípios vizinhos a Belo Horizonte, a norte e oeste, apresentaram as maiores taxas de crescimento demográfico anual na década, ainda que menores do que aquelas manifestadas na década anterior: Ibitité/Sarzedo/Mário Campos¹ (7,9%), Santa Luzia (7,9%), Vespasiano (7,4%), Ribeirão das Neves (7,2%) e Betim (6,7%).

Nos anos 1990, os vetores norte e oeste permanecem como aqueles de maior crescimento populacional, incluindo agora municípios mais distantes: Esmeraldas (7,6% a.a.), Betim (6,7% a.a.), Ibitité/Sarzedo/Mário Campos (6,3% a.a.), Ribeirão das Neves (6,2% a.a.), Vespasiano/São José da Lapa (5,8% a.a.) e Igarapé/São Joaquim de Bicas (5,1% a.a.).

A estruturação do espaço metropolitano belo-horizontino e a dinâmica de sua distribuição populacional foram sempre marcadas pela forte intervenção do estado. De um lado, a legislação urbanística criou as bases para a incorporação imobiliária, através da criação de áreas marcadas pelo *status* da distinção e transformação do uso do solo em zonas restritas, desde o início do século XX, com a restrição – e, em alguns momentos, *imposição* – da verticalização nas áreas centrais de Belo Horizonte, passando por uma regulação de uso do solo criadora de áreas de *distinção* na Pampulha, até os anos 1970, quando a legislação de uso e ocupação do solo criou maior permissividade de uso e ocupação, antes restrita às áreas mais centrais. De outro, a implantação de infra-estrutura viária privilegiou predominantemente as áreas de moradia dos

1 Os dois últimos, municípios emancipados em meados dos anos 1990.

grupos sociais dirigentes e as zonas industriais – a exemplo da ligação entre o centro e a Pampulha, nos anos 1940 e 1950, ou com a Cidade Nova² no final dos anos 1970, ou ainda as novas acessibilidades nas áreas de expansão da zona sul, nos anos 1970 e 1980.

A combinação entre as ações do estado e dos incorporadores imobiliários produziu uma estrutura metropolitana segregada, onde, ao lado da produção periférica de loteamentos populares, ocorre a intensificação do mercado de moradia para as categorias dirigentes nas áreas mais centrais, em processo de crescente auto-segregação dessas categorias. Estado e mercado imobiliário vêm reproduzindo a dinâmica centro-periferia na Região Metropolitana de Belo Horizonte: o esvaziamento populacional das áreas centrais correspondeu, como veremos mais adiante, à expulsão simultânea de grupos sociais operários e populares e à expansão do mercado de moradias orientado para o segmento constituído de classes médias e categorias dirigentes.

Esses processos resultaram em particularidades na estruturação da região e na pluralidade do crescimento periférico: em primeiro lugar, pelo movimento clássico de expulsão para a periferia; depois, por uma estruturação econômica, ditada pela ação estatal, que definiu um eixo industrial-residencial periférico, a oeste; em terceiro lugar, por uma aparente *periferização* das classes médias através da expansão da *Zona Sul* nos condomínios fechados.³

O distanciamento social entre centro e periferia e as diferenças de crescimento demográfico na região metropolitana, associados às mudanças na composição do mercado de trabalho durante os anos 1980 e às transformações socioespaciais ocorridas, permitem levantar algumas questões. Em primeiro lugar, a queda geral no nível de renda da população e as mudanças no mercado de trabalho, com maior precarização nas relações trabalhistas, podem ser indicativos de mobilidade social descendente de uma parcela considerável da população ocupada, com alterações na posição dos indivíduos na estrutura ocupacional. Ao mesmo tempo, as mudanças na organização socioespacial da metrópole, com alterações ascendentes no

2 Bairro fora da Zona Sul, habitado pelas categorias dirigentes.

3 Trata-se, na realidade, de uma expansão da centralidade metropolitana.

perfil das diversas áreas,⁴ permitem levantar um paradoxo: enquanto a população realiza um movimento social descendente, o território tem apresentado mudanças no sentido contrário.

Duas são, pelo menos, as dimensões explicativas da mobilidade residencial:⁵ em primeiro lugar está a macroestrutura produtiva da região e a organização do mercado de trabalho – nesse sentido, importa lembrar os impactos da localização industrial no eixo oeste, o esvaziamento econômico de áreas a Leste e Norte e as mudanças no mercado de trabalho, nos anos 1980, com diminuição relativa dos empregos industriais e aumento do pessoal ocupado no setor terciário, incluindo o mercado informal de trabalho.

Em segundo lugar, há uma dinâmica específica de produção do espaço urbano, qual seja, a dinâmica imobiliária, que constitui mecanismo relevante de seleção e alocação de grupos sociais em sua luta pela apropriação de recursos desiguais.

A manifestação mais visível da mobilidade residencial é o quadro demográfico no período em estudo. Em síntese, a dinâmica demográfica da RMBH nos anos 1980 caracterizou-se principalmente por:

a) crescimento negativo ou abaixo da média metropolitana nas áreas central e pericentral, à exceção das áreas de favela e de duas unidades espaciais que constituíram área de fronteira do mercado imobiliário, na extensão da *Zona Sul* de Belo Horizonte (ver Figura 1);

b) maior crescimento nos eixos oeste e norte, sendo que o norte atinge as periferias mais distantes da região metropolitana;

c) manifestação de um novo eixo de expansão, que abrange das áreas externas à sede do município de Nova Lima, classificadas como *espaço superior polarizado*⁶, onde o crescimento foi superior a 7% ao ano;

4 A evolução da estrutura socioespacial na RMBH está desenvolvida em Mendonça (2002).

5 Trata-se aqui de fluxos intra-urbanos ou intrametropolitanos implicando mudança de moradia – difere, portanto, do movimento pendular, que pressupõe o retorno ao ponto de partida, e também das migrações de longa distância, em que a mudança de residência não é a característica principal, mas sim aspectos ligados principalmente a alterações econômicas e ao mercado de trabalho (Bassand e Brulhardt, 1980).

6 Trata-se de espaço socialmente polarizado, com forte representação das elites dirigentes, de um lado, e do subproletariado, de outro.

d) permanência do baixo crescimento populacional das áreas a Leste;

e) crescimento populacional diferenciado das favelas, que podem ser agrupadas, sob esse aspecto, em três conjuntos: as favelas da região mais central de Belo Horizonte, que cresceram a taxas entre 2,5% e 3,6% ao ano, pouco mais do que o crescimento médio metropolitano; as favelas da região norte de Belo Horizonte e de Betim, cujo crescimento anual foi superior a 9%,⁷ e as favelas do eixo industrial situadas em Belo Horizonte e em Contagem, cujo crescimento situou-se entre 1,3% e 2,5%, abaixo, portanto, da média metropolitana.

As transformações na organização socioespacial da Região Metropolitana de Belo Horizonte têm mantido o movimento mais geral iniciado na formação da metrópole, qual seja, a permanente segregação *voluntária* das categorias dirigentes nas áreas mais centrais e a contínua expulsão das classes trabalhadoras para periferias mais distantes. A expansão territorial dos espaços ocupados pelos superiores na hierarquia social correspondeu a um esvaziamento demográfico dessas áreas, muito embora o número de domicílios tenha crescido substancialmente (Prefeitura de Belo Horizonte, 1995).

A diversificação e a maior mistura social no espaço metropolitano ocorreram principalmente através do espraiamento das classes médias pelas áreas pericentrais e, até certo ponto, periféricas dentro do município de Belo Horizonte, e em parte das áreas industriais de Contagem.

O estudo desse movimento, por meio da análise da mobilidade residencial, foi possível através dos dados de uma Pesquisa de Origem e Destino (O/D) realizada em 1992.⁸ A vantagem de

7 Nesse último caso é importante lembrar que a Fiat foi inaugurada em Betim em 1976.

8 Trata-se da Pesquisa de Origem e Destino (Pesquisa O/D), promovida pela Transmetro (órgão metropolitano de transportes, já extinto) e pelo Plambel (órgão metropolitano de planejamento, também já extinto) e processada no final dos anos 1990 pela Fundação João Pinheiro. Embora tenha sido realizada com objetivos de informar o planejamento de transportes da Região Metropolitana, a pesquisa traz importantes dados socioeconômicos, tais como local de moradia atual, local de moradia anterior, tempo de residência, renda familiar, escolaridade e ocupação do chefe da família. A unidade espacial utilizada para aplicação da pesquisa foi a Área Homogênea, compatível, portanto, com as Unidades Espaciais Homogêneas utilizadas para o estudo da estrutu-

utilizar os dados da Pesquisa O/D, em relação aos dados dos Censos Demográficos do IBGE, é que os primeiros permitem a verificação da mobilidade intra-urbana, enquanto que os segundos só fornecem informação sobre a migração entre municípios.

Mobilidade residencial na metrópole

Já vimos anteriormente que, se os anos 1980 foram de pequeno crescimento demográfico metropolitano médio, no nível mais localizado as taxas foram muito variadas, indicando, nas áreas mais centrais, crescimento negativo e, ao contrário, em áreas periféricas, taxas muito altas de crescimento populacional. O resultado foi o aprofundamento da inversão na distribuição populacional metropolitana: em 1970, as áreas mais centrais (Zona Sul e Pericentro) concentravam 55% da população metropolitana e as áreas imediatamente periféricas a Norte e Oeste (Eixo Industrial e Periferias)⁹

ração socioespacial recente. A pesquisa O/D trabalhou com uma amostra de 3,5% dos domicílios da região metropolitana. Após os testes de consistência e revisão dos trabalhos de coleta de dados, foi computado um total de 25.950 registros válidos (cerca de 3% do total de domicílios da região), ou seja, questionários aplicados e processados corretamente. Os dados sobre tempo de residência e último local de moradia referem-se ao *grupo familiar*, podendo significar núcleo familiar ou família estendida. Quando a resposta à Área Homogênea de moradia anterior é *zero*, o grupo familiar foi constituído na Área Homogênea de moradia atual e nunca mudou de residência. Eliminando-se esses casos, têm-se 19.579 grupos familiares, ou seja, 75% dos grupos pesquisados, que efetuaram alguma mudança de domicílio. Para efeito da análise acerca da mobilidade durante os anos 1980, foram isolados os casos em que houve mudança de residência e em que o tempo de moradia é de dez anos ou menos, isto é, foram isolados os grupos familiares que se locomoveram entre 1982 e 1992. Esses totalizaram 12.425 grupos familiares (representando cerca de 48% do total de domicílios pesquisados válidos). Para o cruzamento dos dados de mobilidade com as informações sobre a estrutura socioespacial, foram excluídos os quatro municípios que não eram parte da RMBH em 1980, seja como lugar de destino ou de origem, e, neste caso, os dados são compostos de 11.570 registros.

- 9 Essa *macro-regionalização* tem como base as “unidades de primeiro nível de aproximação” definidas pelo Plambel nos anos 1980. Foram realizadas algumas adequações para compatibilizá-las com as Unidades Espaciais Homogêneas construídas para o estudo da estrutura socioespacial e atualizá-las segundo o critério de relações com os processos metropolitanos, mantendo isolados os aglomerados de favelas. São as seguintes as macroáreas definidas

concentravam 31%; em 1991 essa relação seria exatamente a inversa: nas primeiras áreas passou a viver 32% da população da metrópole, enquanto, nas segundas, estariam 55% (Souza e Teixeira, 1999, p. 113).

Na realidade, se, por um lado, os fluxos migratórios de longa distância arrefeceram na década em questão, por outro, a mobilidade intra-urbana e intrametropolitana foi bastante expressiva (quase a metade das famílias pesquisadas mudou de domicílio na década de 80) e ocorreu através de um movimento do centro em direção às periferias. O *saldo da mobilidade residencial*, isto é, a comparação entre a quantidade de grupos familiares que entraram e que saíram de cada Unidade Espacial Homogênea (UEH)¹⁰ mostra esse movimento. O saldo negativo significa que saiu um número maior de pessoas do que aqueles que entraram na unidade espacial. O saldo positivo, ao contrário, significa maior entrada do que saída de população (ver Figura 2).

a partir desses critérios: Centro/Zona Sul, Peri-Centro, Pampulha, Eixo Industrial, Periferias, Áreas de Expansão Metropolitana (incorporando o que o Plambel denominou franjas), Áreas de Comprometimento Mínimo e Favelas (ver Figura 3).

- 10 O espaço metropolitano foi dividido em 121 Unidades Espaciais Homogêneas (UEH) em 1991 e 117 Unidades em 1980, quando a delimitação institucional da Região Metropolitana apresentava quatro municípios a menos do que em 1991. Essa regionalização, compatível com os Setores Censitários do IBGE, foi desenvolvida a partir da estrutura de unidades espaciais elaborada pelo Plambel (Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana, órgão responsável pelo planejamento da RMBH, criado em 1974 e extinto em 1998) em 1981 e revista após o Censo Demográfico de 1991. Foram agrupadas Áreas Homogêneas contíguas, com perfil social e urbanístico semelhante. Foi possível mapear as favelas de Belo Horizonte, Contagem e Betim, municípios para os quais estavam disponíveis mapas digitais de setores censitários e que continham em 1991 a quase totalidade das favelas da região metropolitana, as quais foram agregadas por proximidade espacial. A delimitação das UEH foi resultante de uma análise qualitativa, em trabalho conjunto com dois pesquisadores que são profundos conhecedores do espaço metropolitano: Prof. João Gabriel Teixeira, do Centro de Estudos Urbanos da UFMG, e Prof. José Moreira de Souza, da Fundação João Pinheiro. O trabalho de delimitação das unidades espaciais constituídas de favelas contou ainda com a participação da Profa. Berenice Martins Guimarães, pesquisadora do Ceurb/UFMG.

A correlação entre o saldo da mobilidade residencial e o tipo de crescimento de cada área é muito forte. Essa é uma afirmação que pode parecer óbvia, na medida em que estudos demográficos têm mostrado que os fluxos migratórios de longa distância diminuíram nos anos 1980,¹¹ e, portanto, o comportamento demográfico tem sido resultado, predominantemente, de dinâmicas locais. No entanto, é importante ressaltar esse fenômeno, na medida em que, ao associarmos informações sobre renda dos grupos familiares que mudaram de residência na década, fica clara a permanência do movimento de periferização dos grupos de mais baixa renda, como veremos mais adiante.

De um modo geral, a mobilidade ocorre nas proximidades do local de moradia: 37% dos grupos familiares que mudaram de residência entre 1982 e 1992, fizeram-no dentro da mesma UEH; se agregamos as unidades espaciais em macroáreas,¹² esse percentual atinge 64%. Em outras palavras, os fluxos de curta distância dentro da região metropolitana são predominantes. A distribuição dos fluxos realizados de uma macrounidade para outra (36% do total dos fluxos) também ocorre no sentido da periferização. As Tabelas 1 e 2 mostram que as macrounidades onde entra o maior número de famílias são as Periferias e as Áreas de Expansão Metropolitana. Além disso, a macrounidade de onde sai a maior quantidade de famílias é o Pericentro. Nessa região também entra um percentual significativo de famílias, mas o saldo é negativo, como vimos; entre os que ali entram, predominam os fluxos provenientes do Centro/Zona Sul.

11 Ver, entre outros, Rigotti e Rodrigues (1994) e Matos (1995).

12 Neste caso, excluimos os grupos familiares que se mudaram dentro da mesma UEH.

Tabela 1 – RMBH. Distribuição dos fluxos entre macrounidades, por fluxos de saída

Macrounidade Destino	Centro/ Zona Sul	Peri- Centro	Pampulha	Eixo Industrial	Periferias	Expansão Metropolitana	Comprometi- mento Mínimo	Favelas	Total	
									NA	%
Macrounidade Origem										
Centro/Zona Sul	0,0%	40,0%	11,2%	12,0%	15,4%	15,8%	1,4%	4,2%	500	100,0%
Peri-Centro	13,1%	0,0%	14,1%	16,1%	37,6%	12,3%	1,5%	5,3%	1500	100,0%
Pampulha	7,5%	13,6%	0,0%	10,4%	42,9%	16,7%	1,9%	7,0%	413	100,0%
Eixo Industrial	4,2%	13,7%	4,2%	0,0%	22,4%	29,4%	4,7%	21,3%	684	100,0%
Periferias	2,4%	16,2%	16,3%	19,9%	0,0%	30,9%	4,2%	10,2%	884	100,0%
Expansão Metropolitana	1,1%	11,4%	5,4%	29,7%	31,9%	0,0%	16,2%	4,3%	185	100,0%
Comprometimento Mínimo	3,1%	0,0%	6,3%	31,3%	6,3%	53,1%	0,0%	0,0%	32	100,0%
Favelas	7,7%	7,7%	6,1%	38,7%	24,5%	14,4%	0,9%	0,0%	326	100,0%
Total	6,8%	11,9%	10,5%	15,7%	24,6%	19,2%	3,1%	8,3%	4524	100,0%

Fonte: Transmetro/Plambel/Fundação João Pinheiro. Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Observação: foram excluídos os fluxos internos à macrounidade.

Tabela 2 – RMBH. Distribuição dos fluxos entre macrounidades, por fluxos de entrada

Macrounidade Destino	Centro/ Zona Sul	Peri- Centro	Pampulha	Eixo Industrial	Periferias	Expansão Metropolitana	Comprometi- mento Mínimo	Favelas	Total	
Macrounidade Origem										
Centro/Zona Sul	0,0%	37,1%	11,8%	8,4%	6,9%	9,1%	5,0%	5,6%	11,1%	
Pericentro	64,4%	0,0%	44,8%	33,9%	50,7%	21,1%	15,8%	21,4%	33,2%	
Pampulha	10,1%	10,4%	0,0%	6,0%	15,9%	7,9%	5,8%	7,8%	9,1%	
Eixo Industrial	9,5%	17,4%	6,1%	0,0%	13,8%	23,1%	23,0%	39,0%	15,1%	
Periferias	6,9%	26,5%	30,4%	24,8%	0,0%	31,4%	26,6%	24,1%	19,5%	
Expansão Metropolitana	0,7%	3,9%	2,1%	7,7%	5,3%	0,0%	21,6%	2,1%	4,1%	
Comprometimento Mínimo	0,3%	0,0%	0,4%	1,4%	0,2%	2,0%	0,0%	0,0%	0,7%	
Favelas	8,2%	4,6%	4,2%	17,7%	7,2%	5,4%	2,2%	0,0%	7,2%	
Total	NA	306	539	473	711	1112	870	139	374	4524
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Transmetro/Plambel/Fundação João Pinheiro. Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Observação: foram excluídos os fluxos internos à macrounidade.

No nível mais abrangente, portanto, os fluxos de mobilidade residencial na RMBH, além de constituírem um movimento do centro para a periferia, configuram um processo de crescente segregação. Se observarmos os fluxos de entrada nas unidades espaciais onde o saldo de mobilidade é negativo,¹³ isto é, nas áreas mais centrais, veremos que há predominância dos grupos de renda familiar mais alta – no caso daqueles com renda familiar acima de

13 Ver nota 12.

20 salários mínimos,¹⁴ a participação nos fluxos de entrada é de 16,6%, isto é, o dobro da participação média dessa faixa de renda (ver Tabela 3).¹⁵ Nessas faixas de renda mais alta entra um número maior de pessoas nas áreas onde o saldo de mobilidade é negativo do que os que saem. A participação dos grupos familiares de renda mais baixa, ao contrário, é menor nos fluxos de entrada do que a sua participação nos fluxos de saída.

Nas áreas onde o saldo da mobilidade é positivo (áreas periféricas e de expansão metropolitana), ao contrário, predomina a entrada de grupos de menor renda: 42% dos que entram nessas áreas têm renda familiar igual ou menor do que três salários mínimos. As trocas aí são similares, isto é, a composição de renda familiar entre os que saem e os que entram é muito semelhante (ver Tabelas 3 e 4).

Tabela 3 – RMBH. Composição por faixa de renda dos fluxos de entrada segundo o tipo de saldo de mobilidade da Unidade Espacial Homogênea

Faixa Renda Familiar (salário mínimo)	Fluxo de entrada em UEH com saldo positivo de mobilidade	Fluxo de entrada nas UEH com saldo negativo de mobilidade
Até 1	10,%	4,6%
Mais que 1 até 2	16,%	7,4%
Mais que 2 até 3	14,3%	8,8%
Mais que 3 até 5	24,%	15,%
Mais que 5 até 10	20,7%	25,%
Mais que 10 até 20	9,1%	21,5%
Mais que 20	4,5%	16,%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Plambel/Trasmetro/Fundação João Pinheiro. Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Nota: estão excluídos os grupos familiares que se mudaram dentro da mesma UEH.

14 Representam cerca de 8% do total de grupos familiares que se mudam para outra Unidade Espacial entre 1982 e 1992.

15 Quase 40% dos grupos familiares que se mudam para essas áreas possuem renda familiar maior do que dez salários mínimos.

Tabela 4 – RMBH. Composição por faixa de renda dos fluxos de saída segundo o tipo de saldo de mobilidade da Unidade Espacial Homogênea

Faixa Renda Familiar (salário mínimo)	Fluxo de saída em UEH com saldo positivo de mobilidade	Fluxo de saída nas UEH com saldo negativo de mobilidade
Até 1	10,8%	6,8%
Mais que 1 até 2	17,6%	10,9%
Mais que 2 até 3	14,5%	11,0%
Mais que 3 até 5	24,2%	19,3%
Mais que 5 até 10	20,4%	23,5%
Mais que 10 até 20	8,7%	16,5%
Mais que 20	3,8%	11,9%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Plambel/Trasmetro/Fundação João Pinheiro. Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Nota: estão excluídos os grupos familiares que se mudaram dentro da mesma UEH.

Os grupos de menor renda são relativamente mais propensos à mudança, como mostra a Tabela 5 – há diferenças entre a distribuição média por faixa de renda e a distribuição das famílias que se mudaram no período entre 1982 e 1992: nas faixas de renda familiar abaixo de três salários mínimos, as famílias que se mudaram na década têm maior participação do que a média; o contrário ocorre nas famílias com renda igual ou acima de cinco salários mínimos, em que a participação dos grupos que se mudaram é menor do que a média metropolitana.

Tabela 5 – RMBH. Distribuição do total de famílias e das famílias que se mudaram entre 1982 e 1992 por faixa de renda

Faixa de renda familiar (em sal. mín.)	Distribuição dos grupos familiares (média metropolitana)	Distribuição dos grupos que se mudaram na década
Até 1	2,5%	3,1%
Mais que 1 até 2	14,7%	16,2%
Mais que 2 até 3	15,4%	16,4%
Mais que 3 até 5	22,4%	22,9%
Mais que 5 até 10	23,3%	21,8%
Mais que 10 até 20	13,6%	12,0%
Mais que 20	8,3%	7,7%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de Origem e Destino 1992. Plambel/Trasmetro/Fundação João Pinheiro – dados trabalhados pela autora.

A comparação entre os fluxos de origem e de destino mostra que, excluídos os fluxos internos a cada macroárea, os grupos familiares com renda até três salários mínimos vão principalmente para as Áreas de Expansão Metropolitana.¹⁶

Tabela 6 – Distribuição dos fluxos de saída e de entrada nas macroáreas por faixa de renda

Faixa de Renda Familiar (sal.min.)	Tipo de fluxo	Centro/Zona Sul	Peri-Centro	Eixo Industrial	Pampulha	Periferias	Expansão Metropolitana	Comprometimento Mínimo	Favelas	Total
Até 2	Origem	2,2%	11,5%	23,5%	3,9%	26,5%	17,7%	6,9%	7,7%	100,0%
	Destino	1,6%	4,6%	23,6%	2,3%	23,9%	27,6%	7,9%	8,4%	100,0%
Mais que 2 até 3	Origem	2,4%	15,5%	24,4%	4,0%	24,6%	19,1%	4,6%	5,4%	100,0%
	Destino	1,1%	7%	24,0%	3,0%	25,7%	25,4%	5,4%	7,7%	100,0%
Mais que 3 até 5	Origem	2,7%	16,6%	25,8%	4,3%	26,5%	13,9%	5,1%	5,2%	100,0%
	Destino	1,3%	10,2%	24,8%	3,6%	29,3%	19,8%	6,2%	4,8%	100,0%
Mais que 5 até 10	Origem	6,2%	24,7%	23,8%	5,9%	20,4%	13,1%	3,2%	2,8%	100,0%
	Destino	4,0%	17,0%	24,9%	7,7%	22,8%	17,2%	3,9%	2,4%	100,0%
Mais que 10 até 20	Origem	17,5%	34,9%	17,2%	5,4%	12,9%	7,3%	3,1%	1,6%	100,0%
	Destino	15,1%	26,7%	17,1%	11,1%	16,4%	9,0%	3,3%	1,3%	100,0%
Mais que 20	Origem	45,9%	29,3%	6,7%	6,8%	4,8%	4,4%	1,9%	1,0%	100,0%
	Destino	45,3%	22,6%	6,3%	9,7%	5,3%	7,9%	2,3%	0,4%	100,0%
Total	Origem	8,9%	20,9%	22,0%	4,9%	21,2%	13,5%	4,3%	4,2%	100,0%
	Destino	7,4%	13,7%	22,0%	5,7%	22,7%	18,9%	5,1%	4,5%	100,0%

Fonte: Pesquisa de Origem e Destino, 1992. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro – dados trabalhados pela autora.

Observação: estão incluídos, para o cálculo da distribuição, o total de fluxos, inclusive aquele realizados dentro da macrounidade.

Observando especificamente o Pericentro, região de onde sai uma quantidade muito maior de famílias em relação às que entram, percebe-se que a diferença entre os fluxos de saída e de

16 No caso dos grupos com renda familiar até dois salários mínimos, a comparação entre a sua distribuição global pelas macrounidades e a distribuição do fluxo de saída de cada macrounidade mostra que, à exceção daquelas mais periféricas (Expansão Metropolitana e Áreas de Comprometimento Mínimo), a participação de cada região no percentual das famílias que saem é maior do que a sua participação no total das famílias dessa faixa de renda. Entre os grupos familiares com renda até dois salários mínimos, 31% vivem na Área de Expansão Urbana, mas os fluxos de famílias nessa faixa de renda, com origem nessa região, representam apenas 18% do total dos fluxos de saída; nas Áreas de Comprometimento Mínimo estão 8% dos grupos familiares situados nessa faixa de renda, mas a contribuição dessa região como origem dos fluxos de saída na mesma faixa é de 7%. Nas favelas, os percentuais são equivalentes. Em todas as demais regiões, a relação é a inversa.

entrada é maior no caso das famílias de mais baixa renda – na faixa de renda familiar até dois salários mínimos, 11,5% saem dessa região, enquanto que, na mesma faixa, apenas 4,6% entram nessa região, o que mostra um claro processo de expulsão.

Nas faixas de renda mais alta (acima de 20 salários mínimos), os fluxos são mais intensos nas macrounidades Centro/Zona Sul e Pericentro, regiões onde vivem as famílias dessa faixa de renda. Chama a atenção, também, a maior participação dos grupos de renda mais alta com destino na Pampulha, região que tem passado por dois processos distintos, com alterações socioespaciais descendentes a norte da lagoa e ascendentes a sul.

Nas faixas de renda familiar média (entre cinco e vinte salários mínimos), a maior parte dos fluxos estão no Pericentro, Eixo Industrial e Periferias, com destaque para o esvaziamento do Pericentro. Na faixa entre 5 e 10 salários mínimos, é ainda significativo o percentual de famílias com destino à Área de Expansão Metropolitana (17,2%), bem maior do que os fluxos dessa faixa de renda com origem na região (13,1%).

Dos fluxos com origem nas favelas, 48% das famílias têm renda até 3 salários mínimos. Predominam três destinos, por ordem de importância: as próprias favelas (36,5%), o Eixo Industrial (25,7%) e as Periferias (17,4%). Dos fluxos com destino no Eixo Industrial, 85% têm origem em favelas vizinhas (Favelas do Eldorado, do Barreiro, da Cabana e de Betim). O mesmo acontece com os fluxos com destino nas Periferias, onde quase a metade tem origem nas favelas próximas (Venda Nova/Norte e São Gabriel/Gorduras). No plano mais geral, entra maior número de famílias nas favelas, do que sai – é importante lembrar que, dadas as taxas de crescimento demográfico anual, a maior parte dos fluxos dirige-se para as favelas situadas nas áreas a norte de Belo Horizonte e para as proximidades da Fiat, em Betim.

Em síntese, a dinâmica demográfica da Região Metropolitana de Belo Horizonte apresenta dois movimentos: de um lado, o esvaziamento populacional das áreas centrais e pericentrais, simultâneo ao crescimento das áreas mais periféricas; de outro, a predominância dos fluxos de saída das famílias de baixa renda das áreas mais centrais em relação ao percentual dos seus fluxos de entrada nessas áreas, bem como a relação inversa desses fluxos nas áreas mais periféricas. Predominam, na região metropolitana, os fluxos de saída descendentes, isto é, aqueles cuja unidade espacial de

origem apresenta renda familiar média maior do que a da unidade espacial de destino. Excluindo os fluxos internos às unidades espaciais,¹⁷ 62,8% dos grupos familiares que mudaram de residência entre 1982 e 1992 realizaram fluxo descendente e apenas 37,2% realizaram fluxo ascendente.

No caso da área Pericentral, onde a comparação entre os fluxos de saída e de entrada mostram um esvaziamento mais evidente, a observação da distribuição desses fluxos por faixa de renda familiar mostra que, relativamente à renda, o esvaziamento é das populações mais pobres. A participação das faixas acima de cinco salários mínimos, ao contrário, é maior entre os que entram do que entre os que saem.

Tabela 7 – RMBH. Distribuição dos fluxos de saída e de entrada no Peri-centro por faixa de renda familiar

Faixa de renda	Fluxos com origem no Peri-centro	Fluxos com destino no Peri-centro
até 2 sm	8,2%	5,1%
2 a 3 sm	12,1%	9,3%
3 a 5 sm	19,3%	18,2%
5 a 10 sm	27,2%	28,6%
10 a 20 sm	21,2%	24,8%
Acima de 20 sm	12,0%	14,1%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de Origem e Destino, 1992. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro – dados trabalhados pela autora.

17 Estes representam 37% do total de grupos familiares que mudaram de residência na década.

Alterações na estrutura socioespacial metropolitana

O estudo da localização espacial das diversas categorias socioocupacionais no espaço metropolitano,¹⁸ abrangendo a densidade de sua representação em cada lugar e a composição das representações das diversas categorias, permitiu a análise da estruturação desse espaço, bem como das alterações nele manifestas nos anos 1980.¹⁹

O estudo identificou as camadas superiores como aquelas que estão mais concentradas no espaço. De fato, mais de 60% dos indivíduos pertencentes ao grupo dirigente concentravam-se, em

18 A construção da hierarquia social que serviu de base para o desenvolvimento da análise está suportada na noção de centralidade do trabalho na estruturação e no funcionamento da sociedade, utilizando-se a *ocupação*, tal como definida pelo IBGE, como variável principal para a análise do espaço social. Construiu-se um sistema de hierarquização social das ocupações sintetizadas em 25 categorias socioocupacionais, por sua vez agrupadas em oito grandes grupos: 1) ocupações agrícolas; 2) elite dirigente (empresários, dirigentes do setor público, dirigentes do setor privado e profissionais liberais); 3) elite intelectual (profissionais de nível superior autônomos e profissionais de nível superior empregados); 4) pequena burguesia (pequeno empregador e comerciantes por conta própria); 5) setores médios (empregados de supervisão, empregados do comércio, técnicos e artistas, empregados da educação e saúde e empregados de segurança e correios); 6) operários do terciário (trabalhadores do comércio, trabalhadores de serviço especializado e trabalhadores de serviço não-especializado); 7) operários do secundário (trabalhadores da indústria moderna, trabalhadores da indústria tradicional, trabalhadores de serviços auxiliares, trabalhadores da construção civil e artesãos); 8) trabalhadores da sobrevivência (empregadas domésticas, ambulantes e biscateiros). Para maior detalhamento, ver Ribeiro e Lago (2000) e Mendonça (2002).

19 O recurso utilizado foi o emprego das técnicas de análise fatorial por correspondência binária e de classificação hierárquica ascendente, a partir da regionalização do espaço metropolitano em unidades espaciais, descritas anteriormente. O método permite verificar a distribuição das categorias socioocupacionais no espaço metropolitano e a sua representação em cada unidade espacial, identificando espaços com forte homogeneidade interna e heterogêneos entre si. Dessa maneira, a *tipologia* é instrumento que permite classificar o território metropolitano, segundo as posições sociais relativas, em uma hierarquia socioespacial. A origem da construção desse método remonta a metodologia desenvolvida por Chenu e Tabard (1993) no início dos anos 1990 para o território francês e posteriormente trabalhada por Edmond Preteceille em Paris, Luiz César de Queiróz Ribeiro no Rio de Janeiro e, recentemente, através de pesquisa apoiada pelo Pronex em várias metrópoles brasileiras, sob a coordenação de Ribeiro.

1991, nos espaços superiores. No caso dos dirigentes privados, esse percentual chega a quase 80%. Por outro lado, há vastas áreas periféricas com total ausência das categorias desse grupo. Se excluirmos os empresários, categoria espacialmente mais “democrática” que as demais do grupo,²⁰ observamos que os dirigentes estão ausentes de 53 unidades espaciais homogêneas, quase a metade, portanto, do total de unidades.

É certo que as demais categorias socioespaciais convivem com as categorias dirigentes nesses espaços *superiores* – essas representam 8% do total de pessoal ocupado desses espaços.²¹ No entanto, a presença dos operários é absolutamente inexpressiva, se comparada com a sua representação no espaço metropolitano como um todo. O operariado tipicamente industrial representava, em 1991, apenas 1,6% do pessoal ocupado residente nesses espaços, percentual insignificante se comparado à sua representação na região metropolitana como um todo, cerca de 15%. Nesses espaços, também as empregadas domésticas têm alta representação – 40% maior do que a média metropolitana, em uma convivência que não representa proximidade social, mas relações de trabalho que reproduzem esquemas tradicionais, em que prestadores de serviços domésticos moram na casa dos patrões.

Os profissionais de nível superior, a pequena burguesia e alguns segmentos dos setores médios acompanham, na medida do possível, as escolhas das categorias dirigentes. Ainda que aquelas categorias sejam mais dispersas no espaço metropolitano, elas vão apresentar grau expressivo de concentração nos espaços superiores, médio-superiores e médios.

20 Entre os empregadores com mais de 20 salários mínimos (critério definidor do empresário), encontram-se os mais diversos indivíduos, incluindo proprietários de serralherias, marcenarias e oficinas mecânicas, entre outros tipos de estabelecimentos que tendem a se dispersar pelo espaço urbano, cuja moradia é, em geral, próxima ao estabelecimento.

21 O que mostra a alta concentração das categorias desse grupo, que representavam 1,1% do total de pessoal ocupado no espaço metropolitano em 1991.

As escolhas das classes trabalhadoras, cujo local de trabalho é fator importante na localização residencial,²² dados os altos custos que o transporte representa nos seus rendimentos, estão submetidas ao constrangimento dado pela posição social (e, conseqüentemente, também pelo nível de renda). Na RMBH, os operários industriais concentraram-se preferencialmente na região industrial, onde tendem a se mesclar com categorias médias. Os operários menos qualificados, os trabalhadores do setor terciário e o subproletariado se dispersam pelos espaços periféricos, concentrando-se predominantemente nos espaços operários e populares, embora compareçam também nos espaços médios. Esses espaços são, na realidade, os que mais se aproximam da média metropolitana na sua composição interna: ainda que as categorias dirigentes estejam sub-representadas nesse tipo, nele a densidade das diversas categorias se aproxima da média.

A comparação entre a composição social interna às diversas unidades espaciais, em 1980 e em 1991, permitiu a análise das alterações ocorridas durante a década.

O espaço metropolitano era, no início dos anos 1980, menos complexo e com oposições mais bem definidas. Os espaços periféricos eram mais rurais: onze unidades espaciais, localizadas na periferia da região metropolitana e que eram de tipo operário e agrícola em 1980, concentravam, nesse ano, 59% do total de pessoal ocupado em atividades agrícolas; em 1991, esses mesmos espaços concentravam 52% desse pessoal.²³

As áreas caracterizadas pelos segmentos populares configuravam as favelas de Belo Horizonte e o eixo norte; o operariado estava mais concentrado a oeste, no eixo Industrial, e a leste, nos municípios de Rio Acima e Sabará e na sede de Nova Lima, região com perfil econômico extrativo mineral.

22 Trabalhando com dados da Pesquisa de Origem de Destino realizada em 1992, verifica-se que, enquanto apenas 13% das categorias dirigentes moram e trabalham na mesma unidade espacial, 26% do operariado industrial e 31% do subproletariado encontram-se na situação de morar e trabalhar na mesma unidade.

23 Na realidade, já no início dos anos 1980, a participação das ocupações agrícolas no conjunto da estrutura produtiva era muito pequena (1,2%).

Os segmentos médios e superiores estavam absolutamente concentrados no município de Belo Horizonte, na Zona Sul, na Pampulha e nas áreas pericentrais, entre a Pampulha e a zona central do município.

Ao longo dos anos 1980 houve um claro movimento de transformações, resultando em um espaço social mais complexo, com maior mistura entre segmentos sociais. A configuração geográfica tende para um *continuum*, em que os espaços superiores se expandem na direção da Pampulha e os espaços mais populares se expandem para as periferias norte e oeste, principalmente.

Em síntese, as principais mudanças na organização socioespacial na metrópole foram:

Os espaços centrais e peri-centrais se *elitizaram* – os espaços médios e superiores passam a ocupar um território maior, ainda que com menor participação no conjunto da população ocupada, coerentemente com a diminuição relativa de população nas áreas mais centrais durante a década. Algumas categorias se tornaram mais restritivas em relação ao espaço de moradia. É o caso dos dirigentes do setor privado e dos profissionais liberais. Entre os primeiros, 71% moravam nos espaços superiores em 1980, passando para 79% em 1991. Entre os profissionais liberais, 69% moravam nesses espaços em 1980, passando para 73% em 1991.

Surge, em 1991, o espaço “operário superior”, circunscrito às áreas ao sul do município de Contagem e a sudoeste de Belo Horizonte, no chamado eixo industrial, que se caracteriza por maior mescla de operários e segmentos médios, configurando uma certa *elitização* também do eixo industrial – é importante ressaltar que o espaço tipicamente operário, em 1980, tinha uma forte sobre-representação dos operários da indústria moderna (mais do dobro da média metropolitana); em 1991, essa sobre-representação ocorre nos espaços classificados como Operário Superior, mostrando que a sua configuração decorre da entrada de setores médios em parte da região industrial – espaços operários dessa região se transformaram, com a entrada de segmentos médios.

Os operários têm sua participação diminuída no conjunto da população ocupada. Ao mesmo tempo, cresce a população vinculada ao setor terciário, seja nos segmentos médios, seja naqueles vinculados ao mercado de trabalho informal, ligado à sobrevivência imediata. Como resultado, os espaços mais periféricos se tornaram mais populares; surgem os espaços de tipo Popular e Agrí-

cola, fora do município de Belo Horizonte, nas periferias mais distantes, a Norte e Oeste. O tipo *Popular* passa a ser exclusivo das unidades espaciais de favelas. Por outro lado, os espaços imediatamente periféricos a Belo Horizonte se transformaram, tornando-se menos populares e mais urbanos e operários. É o caso, principalmente, dos municípios de Vespasiano e Ribeirão das Neves, da região norte de Contagem, das áreas meridionais de Santa Luzia e da região oeste de Sabará.

Para caracterizar as alterações no conjunto da região metropolitana e nas diversas áreas em particular, foi construída uma *tipologia da evolução socioespacial*, a partir da comparação entre a composição das diversas categorias socioocupacionais em cada UEH, em 1980 e em 1991, observando as tendências de mudanças. Os tipos de evolução identificados são os seguintes (ver Figura 4):

1) Aburguesamento – ocorreu nos espaços onde houve alteração de tipologia socioespacial, em geral para tipo superior ou médio superior, e onde houve mudanças na composição das categorias socioespaciais indicando maior densidade das categorias dirigentes e dos profissionais de nível superior;

2) Mais classes médias – com exceção da unidade espacial imediatamente a norte da lagoa da Pampulha, que sofreu alteração descendente,²⁴ esse tipo de evolução é característico do espraio de setores médios para áreas anteriormente com perfil mais operário e popular;

3) Diversificação ascendente – trata-se de áreas que apresentavam maior presença de segmentos populares em 1980, os quais perdem densidade durante a década, ao mesmo tempo em que passa a haver, em 1991, maior representação de outros segmentos, em geral dos setores médios, mas também da pequena burguesia

24 Nessa unidade espacial, houve expressiva diminuição na densidade de representação de setores operários e populares (principalmente operários da construção e biscateiros) e decréscimo também na representação das categorias dirigentes e de profissionais de nível superior, bem como dos comerciantes por conta própria. Os setores médios, ao contrário, apresentam significativo crescimento na década, com representação acima da média em 1991, o mesmo ocorrendo com os pequenos empregadores. A unidade espacial tornou-se socialmente menos polarizada e mais homogênea, com um perfil social do tipo médio.

e, em alguns casos, de profissionais de nível superior. Os operários industriais, com algumas exceções, permaneceram com a mesma densidade;

4) Diversificação – ocorreu em áreas, em geral, mais periféricas, de perfil operário-popular, e não apresenta um padrão claro de mudança. Houve aumento na representação de algumas categorias dirigentes e da pequenaburguesia, em algumas unidades espaciais, bem como dos setores médios. Também entre os operários do terciário, predomina aumento na representação. Entre os operários industriais e entre os segmentos mais populares, no entanto, houve aumento em alguns casos e diminuição em outros. Esse é, portanto, um tipo de evolução em que a diversificação na composição social não apresenta uma tendência clara à ascendência ou à descendência. Na maior parte dos casos, eram áreas do tipo operário e agrícola que se urbanizaram, transformando-se em operário ou em operário e popular;

5) Proletarização – característico das áreas onde houve diminuição de densidade dos segmentos populares e aumento da representação relativa dos operários estritamente industriais;

6) Mais popular – ocorreu nas unidades espaciais onde, ao contrário das anteriores, houve aumento de densidade dos segmentos populares;

7) Permanência – unidades espaciais que permaneceram, em 1991, sem alteração substancial, relativamente a 1980.

O *aburguesamento* ocorreu em áreas pericentrais de Belo Horizonte e na área sul da Pampulha, totalizando 14 unidades espaciais, onde vive 11,5% da população metropolitana.²⁵ A evolução com *mais classes médias* ocorreu em algumas unidades a norte da Pampulha e nordeste da área pericentral de Belo Horizonte, nas sedes municipais de Betim e Nova Lima,²⁶ que tiveram o

25 Excluída, do total, a população dos municípios que não faziam parte da RMBH em 1980 e que foram excluídos da tipologia socioespacial.

26 Na sede de Betim cai a densidade dos operários da indústria tradicional e da construção civil, e também dos pequenos empregadores, ao mesmo tempo em que sobe a representação dos empresários, profissionais de nível superior autônomos e trabalhadores da educação e saúde, diversificando a composição nessa cidade de forma ascendente. No caso de Nova Lima, a queda na representação dos operários da indústria tradicional corresponde, na outra extremidade, a maior representação de categorias dos setores médios e dos profissionais de nível superior empregados.

tipo alterado de operário para médio, e, principalmente, no eixo industrial (Belo Horizonte/Contagem/Betim), onde a maior densidade de setores médios e do operariado, particularmente da indústria moderna, resultou no tipo operário-superior. Essa transformação ocorreu em 25 unidades espaciais, abrangendo 19,3% da população metropolitana.

Na maior parte das áreas de *proletarização*, houve mudança na composição das categorias socioocupacionais, com maior representação de algumas categorias de operários industriais e queda na densidade de segmentos populares. Em várias, houve crescimento na representação de categorias dos setores médios, mais uma vez confirmando a maior diversificação e complexificação social no final dos anos 1980. Esse tipo de evolução abrange um grande semi-anel a norte e oeste de Belo Horizonte.

O movimento de ascensão social das áreas vem acompanhado, na realidade, de maior diversificação social. Esse é também o sentido das unidades espaciais que apresentaram evolução denominada *diversificação*: trata-se de áreas em geral operárias, em grande parte periféricas, isto é, com alta concentração de trabalhadores agrícolas, onde houve considerável diversificação das categorias socioocupacionais, sem uma tendência ainda clara.

As áreas que se tornaram de perfil *mais popular* são periféricas na região metropolitana, em geral onde ainda há significativa concentração de ocupações agrícolas, ausência das categorias dirigentes e insignificante presença dos setores médios (à exceção dos trabalhadores da saúde e educação nas unidades espaciais que constituem sedes municipais), e onde o operariado industrial vem perdendo representação.

Ressalta-se a diminuição das distâncias sociais no nível mais localizado, em um movimento ascendente das diversas áreas do espaço metropolitano. No entanto, do ponto de vista das populações, essa parece ser uma dinâmica *descendente*, em que as classes médias se espraiam em direção às áreas operárias e os segmentos operários se locomovem para áreas populares

Transformações socioespaciais e mobilidade residencial

Observados os movimentos mais gerais, é importante aprofundar a análise, de forma a buscar explicações para as mudanças socioespaciais ocorridas na década de 1980. Para isso, em primeiro

lugar, as Unidades Espaciais Homogêneas foram classificadas segundo a sua capacidade de retenção de população, em unidades expulsoras e unidades receptoras, verificando-se, para essa classificação, a intensidade do crescimento populacional e o saldo de mobilidade. Em seguida, os chefes de domicílio dos grupos familiares que se mudaram entre 1982 e 1992 foram classificados segundo a sua posição social. A associação entre a dinâmica demográfica e o movimento dos diversos grupos sociais possibilitou aprofundar a análise do ponto de vista espacial, buscando identificar padrões demográfico-espaciais. Finalmente, a análise desses padrões, *vis-à-vis* as transformações socioespaciais ocorridas na década permitiram a compreensão da dinâmica de produção da segregação, sob a ótica do movimento das populações no espaço metropolitano, social e geográfico.

Tipologia demográfica do espaço metropolitano

A associação entre o crescimento populacional e o saldo de mobilidade residencial resultou em uma classificação das áreas segundo a sua capacidade de retenção de população, com a seguinte configuração (ver Figura 5):

a) *áreas altamente expulsoras*, cujo saldo de mobilidade é negativo e cuja taxa de crescimento demográfico também é negativa;

b) *áreas expulsoras*, onde o saldo de mobilidade é negativo, mas a taxa de crescimento demográfico é positiva, ainda que na média metropolitana ou abaixo dela;

c) *áreas altamente receptoras*: área com saldo de mobilidade positivo e altas taxas de crescimento demográfico;

d) *áreas receptoras*, com saldo de mobilidade positivo e taxas de crescimento próximas da média metropolitana;

e) *áreas expulsora para fora*, área onde o saldo de mobilidade é positivo, mas a taxa de crescimento demográfico é negativa, denotando uma expulsão de população para fora da RMBH – é o caso de apenas duas unidades espaciais e não foi considerado na análise;

f) *áreas receptoras de fora*, onde, embora o saldo de mobilidade tenha sido negativo, houve crescimento demográfico a uma taxa acima da média metropolitana, denotando que a área recebe população de fora da RMBH – é o caso de três unidades espaciais e também não foi considerado na análise.

As áreas altamente expulsoras situam-se no centro de Belo Horizonte e suas proximidades, e na área que compreende a Cidade Industrial de Contagem. No primeiro caso, envolve dois tipos de região: por um lado, áreas que vêm sofrendo mudanças de uso como resultado da expansão do centro comercial da capital – são as áreas imediatamente a norte da Área Central, ao longo das avenidas Cristiano Machado e Antônio Carlos, as quais, além de apresentar crescimento populacional negativo, sofreram também diminuição do número de domicílios (Prefeitura de Belo Horizonte, 1995, p. 84), em virtude da mudança de uso residencial para comercial e de serviços na área e, ainda, em razão de desapropriações realizadas para execução de obras viárias.²⁷ O segundo tipo de áreas *expulsoras* nas proximidades da área central de Belo Horizonte são aquelas a sul e sudeste, onde houve a maior concentração no número de novos domicílios nos anos oitenta (Prefeitura de Belo Horizonte, op. cit.), grande parte dela constituindo região de intensa atuação do mercado imobiliário empresarial naqueles anos e nos seguintes.

O segundo caso de áreas altamente expulsoras abrange as proximidades da Cidade Industrial de Contagem, região que vem, desde a década de 1980, perdendo posição para Betim.

As áreas expulsoras configuram três tipos de região: um anel abrangendo grande parte da área pericentral de Belo Horizonte e algumas periferias imediatas – parte do qual constituiu área de expansão do mercado imobiliário nos anos 1980 –, o anel adjacente a oeste da Cidade Industrial de Contagem e as sedes dos municípios de Pedro Leopoldo e de Nova Lima,²⁸ além do município de Raposos²⁹.

27 Nas demais áreas de crescimento populacional negativo, houve crescimento no número de domicílios – nos anos 1980, a taxa de crescimento do número de domicílios em Belo Horizonte foi mais que o dobro da taxa de crescimento demográfico. A explicação está, em primeiro lugar, na expressiva diminuição do tamanho da família e, secundariamente, no aumento da população idosa e na mudança de comportamento familiar, com descasamento e maior número de pessoas morando sozinhas (Prefeitura de Belo Horizonte, 1995, p. 69).

28 Em ambos os municípios, as áreas periféricas à sede são altamente receptoras de população.

29 Raposos é um município dependente de uma única atividade, a extração de ouro, e de uma única empresa, proprietária de praticamente todas as suas terras, fatos que, aliados à topografia acidentada, determinaram a sua estagnação demográfica (Plambel, 1985, p. 179).

As áreas altamente receptoras configuram um grande anel fora do município de Belo Horizonte, estendendo-se nos sentidos norte e sul. A norte o crescimento populacional foi muito alto na década. Ao sul, o destaque é para as áreas do município de Nova Lima fora da sede municipal, que apresentaram um crescimento populacional muito alto. Trata-se da unidade espacial caracterizada como *Espaço Superior Polarizado*, onde houve intenso crescimento de condomínios fechados, bem como de ocupações precárias e de grupos de baixa renda no seu entorno.

As áreas receptoras, quase todas com crescimento populacional próximo da média metropolitana, situam-se em geral nas regiões mais periféricas, a Leste e Oeste do território metropolitano, em áreas periféricas norte e sul do município de Belo Horizonte.³⁰ Em geral, não apresentaram um padrão de evolução socioespacial. Parte delas teve evolução predominantemente ascendente. É o caso das unidades espaciais cujo tipo de evolução foi *Diversificação Ascendente*, 64% das quais são *Receptoras*, e também o caso daquelas que mudaram no sentido de *Proletarização*, em que 36% são *Altamente Receptoras* e 29% *Receptoras*. Por outro lado, entre as unidades que apresentaram transformação para *Mais Popular*, isto é, mudança descendente, 60% são *Altamente Receptoras* e 40% são *Receptoras*.

As áreas de *Aburguesamento* e de *Mais Classes Médias* são predominantemente expulsoras – entre as primeiras, 64% são *Altamente Expulsoras*, e, entre as últimas, 52% são *Expulsoras*.

A correlação da tipologia demográfica não parece, pois, ser com as mudanças socioespaciais, mas sim com o perfil social da área, isto é, por um lado, há correlação entre os espaços médios e superiores e o seu esvaziamento populacional, e, por outro, entre áreas operárias e populares e o seu adensamento populacional.

30 Uma parte das áreas situadas em Belo Horizonte era caracterizada, nos anos 1980, por limitações legais à ocupação urbana, incluindo áreas rurais e de preservação ambiental.

Tabela 8 – Distribuição das Unidades Espaciais Homogêneas por tipo de evolução socioespacial e tipologia demográfica

Tipologia Demográfica Tipologia de Evolução sócio-espacial	Altamente expulsora	Expulsora	Expulsora para fora	Altamente receptora	Receptora	Receptora de fora	Total
Aburguesamento	64,3%	21,4%	0,0%	0,0%	14,3%	0,0%	100,0%
Mais classes médias	8,0%	52,0%	0,0%	4,0%	32,0%	4,0%	100,0%
Diversificação ascendente	0,0%	18,2%	0,0%	18,2%	63,6%	0,0%	100,0%
Diversificação	0,0%	16,7%	0,0%	66,7%	16,7%	0,0%	100,0%
Proletarização	0,0%	14,3%	14,3%	35,7%	28,6%	7,1%	100,0%
Mais popular	0,0%	0,0%	0,0%	60,0%	40,0%	0,0%	100,0%
Permanece	26,2%	21,4%	0,0%	26,2%	23,8%	2,4%	100,0%
Total	18,8%	25,6%	1,7%	22,2%	29,1%	2,6%	100,0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico de 1991 e Plambel/Transmetro/FJP, Pesquisa de Origem e Destino de 1992 – dados trabalhados pela autora.

No entanto, esse movimento é congruente com o fato de que a maior parte da mobilidade residencial realizada pelas famílias é descendente, isto é, cuja unidade espacial de origem apresenta renda familiar média maior do que a da unidade espacial de destino; e também congruente com o fato de que os grupos familiares de menor renda são mais propensos à mobilidade residencial. De todos modos, parece que a correlação entre as mudanças socioespaciais no território metropolitano e a mobilidade residencial dos diversos grupos sociais é muito alta, hipótese discutida a seguir.

Posição social e mobilidade residencial

As análises anteriores acerca da mobilidade tiveram como referência a renda familiar, que é fortemente associada com o posicionamento social do indivíduo. É possível, no entanto, avançar no estudo, discutindo a mobilidade residencial segundo a posição social do chefe do domicílio.³¹ A distribuição dos chefes de domicílio

31 As informações sobre ocupação, renda e ramo de atividade na Pesquisa de Origem e Destino (OD) permitiram agrupar os chefes de domicílios segundo a posição social. Trata-se de uma *proxy* das categorias socioespaciais. A ocupação, na Pesquisa OD, é apresentada da seguinte maneira: proprietários, altos cargos, técnicos de nível superior (empregados), cargos de supervisão, inspeção e administração, sítiantes com até 5 empregados, técnicos de nível intermediário, ocupação não manual de rotina, supervisão de trabalho manual na produção, ocupação manual especializada, proprietários de firmas e estabelecimentos com até 5 empregados, ocupação manual não especializada, ajudantes, auxiliares, serventes, aprendizes de ocupação manual especializada,

ocupados segundo a sua posição social é bastante semelhante à distribuição da população ocupada pelos grupos socioocupacionais, como pode ser observado na Tabela 10.³² Dessa maneira, a utilização dessa classificação permite maior associação entre os fluxos residenciais e a transformação socioespacial de cada UEH da região metropolitana. Embora o tamanho da amostra não permita trabalhar os dados por UEH,³³ é possível agregá-los por grupos de UEH segundo a tipologia de evolução.

A observação dos fluxos de entrada e de saída dos diversos grupos sociais, de e para cada conjunto de unidades espaciais, mostrou que, assim como os fluxos são predominantemente entre áreas fisicamente próximas, também do ponto de vista social predomina a mobilidade de curta distância: por um lado, das áreas de aburguesamento saíram principalmente os grupos familiares posicionados no grupo dirigente e nos grupos médios – essas são áreas que mudaram de espaço médio para médio-superior ou áreas do tipo médio-superior onde houve maior adensamento das categorias dirigentes. Por outro, nas áreas de proletarização e nas que se tornaram mais populares, o peso maior nos fluxos de saída foi dos grupos operários e populares.

emprego doméstico. Assim, o *Grupo Dirigente* é resultante do agrupamento de chefes de domicílio ocupados em altos cargos, técnicos de nível superior e proprietários e sitiantes com renda acima de 20 salários mínimos; constituíram os *Grupos Médios* os trabalhadores de supervisão, técnicos de nível intermediário, trabalhadores não manuais de rotina e proprietários e sitiantes com renda menor do que vinte salários mínimos; o *Operariado Industrial* é constituído de trabalhadores manuais dos ramos de atividade compostos pelas indústrias e serviços auxiliares à indústria; o *Operariado em Geral* é o grupo que agrega trabalhadores manuais do comércio e de serviços, inclusive os serviços públicos; finalmente, o *Subproletariado* é composto de ajudantes, serventes, empregados domésticos e trabalhadores da construção civil – para maior detalhamento da construção desses grupos sociais, ver Mendonça (2002).

32 O grupo do Subproletariado, construído a partir da Pesquisa OD, é menor do que o agrupamento localizado nas Categorias Socioocupacionais porque, aqui, estão incluídos os trabalhadores da construção civil. Além disso, o Proletariado em Geral tem menor participação do que o Proletariado do Terciário, uma vez que, aqui, os ramos de atividade são mais restritos.

33 A pesquisa OD trabalhou com uma amostra de 3,5% dos domicílios da Região Metropolitana de Belo Horizonte; entre esses, 64% dos chefes têm uma ocupação, mas pouco mais da metade dos chefes ocupados mudou de residência no período estudado, isto é, entre 1982 e 1992.

Tabela 9 – Distribuição da população ocupada por grupos socioocupacionais em 1991 e distribuição dos chefes de domicílio ocupados por grupos sociais em 1992

Categorias Socioocupacionais (Censo Demográfico de 1991)	População Ocupada %		Grupos sociais (Pesquisa O/D 1992)	Chefes de domicílio ocupados (%)
Ocupações agrícolas	1,2	–	–	–
Grupo dirigente	1,1	6,9	Grupo Dirigente	9,5
Grupo Intelectual	5,8			
Pequena Burguesia	6,7	32,5	Grupos Médios	36,9
Setores Médios	25,8			
Proletariado do setor secundário	24,6	24,6	Operariado Industrial	23,1
Proletariado do setor terciário	23,1	23,1	Operariado em Geral	14,7
Subproletariado	11,7	11,7	Subproletariado	15,8
Total	100,0	98,8	Total	100,0

Fontes: IBGE, Censo Demográfico de 1991 e Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino de 1992 – dados trabalhados pela autora.

Em outras palavras, os fluxos de saída de cada área são compostos predominantemente por grupos sociais que caracterizam a área. Essa relação é óbvia, mas, se observarmos a representação dos grupos que *entram*, veremos que ela permanece e se aprofunda. A participação dos grupos familiares do grupo dirigente com destino nas áreas de aburguesamento, por exemplo, é duas vezes maior do que a participação dessas áreas na recepção do conjunto dos fluxos metropolitanos. A densidade de entrada dos grupos médios nessas áreas também é 25% maior do que a média.

Por outro lado, a entrada do operariado industrial apresentou maior densidade nas áreas de proletarização e nas se tornaram mais populares e a densidade dos fluxos de entrada do subproletariado foi maior nas áreas de diversificação, proletarização e nas que se tornaram mais populares. No caso do operariado em geral, este se dirigiu com maior densidade para as áreas de diversificação ascendente e de diversificação (ver Tabelas 10 e 11).

Tabela 10 – Densidade^(*) dos fluxos de saída dos grupos sociais que se mudaram entre 1982 e 1992 para outra UEH por tipo de evolução socioespacial das áreas de origem

Grupos Sociais Tipologia da Evolução	Grupo Dirigente	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Subproletariado	Total
Aburguesamento	1,51	1,26	0,59	0,87	0,68	1,00
Mais classes médias	0,35	0,93	1,36	1,07	1,06	1,00
Diversificação ascendente	0,22	0,92	1,18	1,12	1,38	1,00
Diversificação	0,15	0,78	1,39	1,31	1,33	1,00
Proletarização	0,17	0,79	1,16	1,34	1,62	1,00
Mais popular	0,32	0,85	1,58	0,72	1,30	1,00
Permanece	1,83	1,04	0,77	0,85	0,77	1,00
Total	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

(*) A densidade é a relação entre a frequência do grupo social nos fluxos de saída de cada área e o peso da área no conjunto dos fluxos de saída.

Fonte: Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Tabela 11 – Densidade dos fluxos de entrada dos grupos sociais que se mudaram entre 1982 e 1992 para outra UEH por tipo de evolução socioespacial das áreas de destino

Grupos Sociais Tipologia da Evolução	Grupo Dirigente	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Subproletariado	Total
Aburguesamento	2,09	1,25	0,52	0,67	0,54	1,00
Mais classes médias	0,62	1,18	1,15	0,94	0,59	1,00
Diversificação ascendente	0,37	1,11	0,98	1,20	1,00	1,00
Diversificação	0,18	0,70	1,17	1,38	1,82	1,00
Proletarização	0,21	0,90	1,28	1,16	1,26	1,00
Mais popular	0,10	0,75	1,55	1,07	1,46	1,00
Permanece	1,62	0,91	0,88	0,92	1,04	1,00
Total	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Em síntese, das áreas de aburguesamento saiu uma quantidade menor de grupos familiares cujo chefe é dirigente, em relação aos que entraram. Parece haver uma troca dos grupos dirigentes, com saída de algumas famílias e entrada de outras, embora não seja possível precisar o tipo de troca. Dessas mesmas áreas saíram mais operários e subproletários do que entraram, o mesmo ocorrendo com as áreas que se transformaram na direção de um perfil *mais classes médias* e com aquelas que passaram por diversificação ascendente – a exceção, neste último caso, foi a maior entrada do operariado em geral, relativamente à sua saída dessas áreas.

Das áreas de proletarização saíram menos famílias dos grupos sociais dirigentes,³⁴ grupos médios e de operários industriais, em relação aos que entraram, ocorrendo o contrário com o operariado em geral e o subproletariado.

Nas áreas que se tornaram mais populares, a entrada de dirigentes e dos grupos médios foi menor, em relação à sua saída – ressalte-se que o percentual dos grupos dirigentes que entraram nessas áreas é inexpressivo. O operariado industrial manteve percentual semelhante, tanto nos fluxos de entrada, como de saída dessas áreas. O contrário ocorreu com o operariado em geral e o subproletariado, que entraram mais do que saíram (ver Tabelas 12 e 13).

O padrão dos fluxos nas áreas de diversificação foram semelhantes àqueles ocorridos nas áreas que se tornaram mais populares, a não ser pela maior entrada de famílias com chefe dirigente. Nessas áreas, embora o saldo seja favorável aos grupos operários e populares, a entrada dos grupos sociais é relativamente bem distribuída: à exceção das famílias com chefe dirigente, a participação dos demais grupos sociais nos fluxos de entrada varia de 19% a 28%.

Em linhas gerais, os movimentos mostram que a natureza dos fluxos teve impacto sobre as transformações socioespaciais ocorridas nas diversas regiões do território metropolitano. A evolução socioespacial foi ascendente nas áreas de *Aburguesamento*,³⁵ nas áreas que se tornaram *Mais Classes Médias*,³⁶ nas áreas de Diversificação Ascendente e nas áreas de *Proletarização*.³⁷ Na primeira, o peso do grupo dirigente e dos grupos médios nos fluxos de entrada foi significativamente maior do que o peso dos demais grupos. Nas demais, destacam-se maiores pesos dos grupos médios e do operariado, com as diferenças pertinentes às características da

34 Ainda que o grupo dirigente tenha representado, nessas áreas, apenas 1,8% dos que saíram e 2,2% dos que entraram.

35 Quase todas eram áreas que passaram do tipo médio para médio-superior ou áreas de tipo médio superior onde houve maior adensamento das categorias dirigentes.

36 70% das áreas que mudaram para um perfil mais classes médias resultaram da mudança de áreas do tipo operário para operário-superior.

37 Nas áreas de proletarização, em geral, houve entrada significativa de grupos médios.

área: maior peso do operariado industrial nas áreas de proletarização e maior peso do operariado em geral nas áreas de diversificação ascendente.³⁸

Tabela 12 – RMBH. Distribuição dos fluxos de saída dos grupos sociais que se mudaram entre 1982 e 1992 para outra UEH por tipo de evolução socioespacial das áreas de origem

Tipologia da Evolução das áreas de origem	Grupos Sociais Grupo Dirigente	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Sub-proletariado	Total
Aburguesamento	15,9%	49,4%	13,2%	12,0%	9,5%	100,0%
Mais classes médias	3,6%	36,5%	30,2%	14,8%	14,8%	100,0%
Diversificação ascendente	2,3%	36,4%	26,2%	15,6%	19,5%	100,0%
Diversificação	1,6%	30,7%	30,7%	18,2%	18,8%	100,0%
Proletarização	1,8%	31,0%	25,7%	18,7%	22,8%	100,0%
Mais popular	3,3%	33,3%	35,0%	10,0%	18,3%	100,0%
Permanece	19,2%	41,1%	17,1%	11,8%	10,8%	100,0%
Total	10,5%	39,4%	22,1%	13,9%	14,1%	100,0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Tabela 13 – RMBH. Distribuição dos fluxos de entrada dos grupos sociais que se mudaram entre 1982 e 1992 para outra UEH por tipo de evolução socioespacial das áreas de destino

Tipologia da Evolução das áreas de destino	Grupo Dirigente	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Sub-proletariado	Total
Aburguesamento	22,1%	49,6%	11,6%	9,3%	7,4%	100,0%
Mais classes médias	6,5%	46,8%	25,6%	13,0%	8,1%	100,0%
Diversificação ascendente	3,9%	44,1%	21,6%	16,6%	13,7%	100,0%
Diversificação	1,9%	27,9%	26,0%	19,1%	25,1%	100,0%
Proletarização	2,2%	35,9%	28,4%	16,1%	17,4%	100,0%
Mais popular	1,0%	29,7%	34,4%	14,9%	20,0%	100,0%
permanece	17,2%	36,2%	19,6%	12,7%	14,3%	100,0%
Total	10,6%	39,7%	22,2%	13,8%	13,7%	100,0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

38 Quase todas as áreas de diversificação ascendente mudaram do tipo operário popular para o tipo operário.

Por outro lado, nas áreas que se tornaram mais populares, ou seja, em que a evolução foi descendente, os fluxos de entrada foram fortemente marcados pelos operários industriais e pelo subproletariado.

Se os dados estão mostrando que as áreas superiores sofreram mudança social ascendente e a mudança descendente ocorreu em áreas operárias e populares, foi importante separar, para análise das regiões que permaneceram com o mesmo tipo em 1980 e em 1991, aquelas constituídas de áreas médias e superiores daquelas que congregam áreas operárias e populares (ver Tabela 14). Veremos que o movimento se reproduz, ou seja, nos espaços médios e superiores, há relativamente maior entrada de famílias do grupo dirigente e, ao contrário, há maior entrada relativa do operariado e do subproletariado nas áreas operárias e populares, reproduzindo o processo de distanciamento social no espaço metropolitano, visto anteriormente.

Tabela 14 – RMBH. Distribuição dos fluxos de entrada e de saída das UEH que permaneceram com o mesmo tipo socioespacial por grupo social

Grupos Sociais Tipo de UEH e tipo de fluxo		Grupo Dirigente	Grupos Médios	Operariado Industrial	Operariado em Geral	Sub- proletariado	Total
UEH OPERÁRIAS E POPULARES	SAÍDA	3,3%	30,1%	27,5%	17,6%	21,5%	100,0%
	ENTRADA	1,4%	27,9%	29,0%	19,1%	22,7%	100,0%
UEH MÉDIAS E SUPERIORES	SAÍDA	25,7%	45,5%	12,8%	9,4%	6,6%	100,0%
	ENTRADA	33,4%	45,7%	8,3%	6,8%	5,8%	100,0%

Fontes: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Plambel/Transmetro/Fundação João Pinheiro, Pesquisa de Origem e Destino, 1992 – dados trabalhados pela autora.

Vimos que a evolução da estrutura social da metrópole belo-horizontina na década de 1980 sofreu transformações importantes: a) maior crescimento do pessoal ocupado (45% na década) em relação à população como um todo (35%); b) maior participação de segmentos vinculados ao terciário na composição da população ocupada; c) crescimento do setor informal e da precarização das relações de trabalho; d) aprofundamento do desemprego estrutural e e) diminuição da renda individual em todos os grupos sociais, incluindo as categorias dirigentes, ainda que estas tenham passado a deter maior parcela dos altos salários.

A esse conjunto de transformações soma-se um movimento populacional interno à região metropolitana, em que os grupos familiares realizam fluxos socialmente descendentes no espaço metropolitano, tendo como destino áreas de menor renda média do que a renda média da área de origem e, em muitos casos, áreas de tipo socioespacial mais operário ou popular. Esse movimento resultou na mudança das áreas: a entrada de determinados grupos sociais e a saída de outros têm promovido um processo conhecido na sociologia norte-americana como de *sucessão*³⁹, isto é, a substituição dos moradores de uma área por outros, de grupo social diferente. É claro que esse processo não se completa totalmente, mas ocorre como tendência. O resultado da mobilidade residencial é uma nova mistura de grupos sociais no espaço geográfico e uma nova correlação entre esses grupos nas várias áreas específicas, podendo ocorrer mudança na sua representação e, por consequência, mudança organização socioespacial.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, as transformações socioespaciais ocorridas nos anos 1980 foram fortemente determinadas pela mobilidade residencial, e podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

a) *transbordamento* territorial das categorias dirigentes e intelectuais, criando novos espaços dessas categorias e unificando socialmente parte do espaço belo-horizontino;

b) esvaziamento simultâneo dos grupos sociais operários e populares das áreas mais centrais, aprofundando o processo de *auto-segregação* dos grupos dirigentes, os quais estão cada vez mais concentradas em determinados espaços;⁴⁰

39 Trata-se de um conceito da ecologia humana no estudo sobre a distribuição espacial das pessoas e está associado ao conceito de *invasão*: “quando indivíduos abandonam uma área residencial e se mudam para outro distrito, o fenômeno é conhecido como invasão. (...) Se os ocupantes da área invadida são completamente deslocados para outros lugares, o resultado é a sucessão” (Gist e Fava 1964, p. 107)

40 Nos espaços superiores e naqueles que passaram por transformações no sentido de aburguesamento, em geral, cresceu a representação das categorias dirigente e dos profissionais de nível superior, bem como dos pequenos empregadores; cresceu também a representação de algumas categorias dos setores médios. Por outro lado, a representação do operariado, que era inexpressiva em 1980 diminuiu ainda mais; decresceu, ainda, a representação das empregadas domésticas em várias unidades espaciais. Para comparação mais detalhada, ver Mendonça (2002).

c) esvaziamento populacional do Pericentro, com maior percentual de famílias saindo do que entrando – essa macrounidade é também cenário de troca desigual, com mais saída relativa de famílias com chefe operário ou subproletário e mais entrada relativa de famílias de grupos dirigentes e médios,⁴¹ passando também por processo de mudança ascendente;

d) espraiamento das classes médias em direção ao eixo industrial, mesclando-se ao operariado industrial moderno e mudando o perfil das áreas situadas naquela região;

e) expulsão de parte do operariado e do subproletariado das áreas de tipo médio.

Em síntese, a análise dos fluxos de saída por tipo de evolução da área, *vis-à-vis* os fluxos de entrada, reforça a tese de que as transformações são fortemente explicadas pelo saldo da mobilidade residencial, em um movimento geográfico de permanente periferização dos segmentos operários e populares.

Em uma visão mais abrangente da região metropolitana, pode-se dizer ainda que as alterações manifestas não representam ruptura na organização socioespacial da região, mas, ao contrário, consolidam tendências expressas desde os primórdios da formação metropolitana, sobressaindo-se o contínuo processo de periferização, nas direções norte e oeste, dos segmentos populares e operários e a concentração das categorias dirigentes e parte dos profissionais de nível superior na zona sul de Belo Horizonte, agora expandindo-se mais para sul, no eixo da BR-040, em direção ao Rio de Janeiro.

Algumas particularidades da região de Belo Horizonte explicam, em parte, esses movimentos. Em primeiro lugar, as decisões estatais acerca da localização industrial – a oeste, na primeira fase de industrialização do estado, na década de 1940, e a norte, na segunda fase, nos anos 1970 – definiram e consolidaram espaços operários e populares. Em segundo lugar, a legislação urbanística

⁴¹ O Pericentro é composto de áreas de aburguesamento (57% das UEH dessa macrounidade), de evolução para mais classes médias (4%), de diversificação ascendente (8%), de proletarização (3%) e áreas que permaneceram com o mesmo tipo socioespacial (29%); a região como um todo recebe relativamente mais grupos médios e superiores, mas há duas exceções no saldo entre entrada e saída de grupos sociais: maior entrada relativa de operários industriais nas áreas de proletarização e maior saída relativa de famílias do grupo dirigente das áreas de diversificação ascendente.

em Belo Horizonte, de caráter elitizante, desde os seus primórdios gerou as condições para a intervenção do mercado imobiliário orientado para os segmentos de média e alta renda concentrados nas áreas centrais e pericentrais da capital. Por outro lado, a legislação permissiva nos municípios periféricos contribuiu para criar as condições de expansão do mercado de loteamentos populares⁴². Somem-se, ainda, a topografia bastante acidentada em toda a área leste da região metropolitana e a alta concentração de propriedade fundiária por parte de empresas mineradoras,⁴³ nessa área, ambos fatores inibidores da expansão urbana e, portanto, do adensamento populacional.

Essas particularidades contribuem para diferenciar os processos recentes de organização socioespacial da metrópole belo-horizontina em relação a outras metrópoles brasileiras.

Caldeira (1996), ao analisar as mudanças na estruturação urbana de São Paulo, afirma a ocorrência de um novo padrão, em que diferentes grupos sociais estão novamente co-habitando o espaço urbano, em oposição ao modelo “centro-periferia”, ainda que separados por muros e tecnologias de segurança. Villaça (1998) destaca que uma dimensão espacial importante da visão de Caldeira é a maior proximidade entre diferentes grupos sociais.

Também Ribeiro e Lago (1995), analisando dados relativos a São Paulo e ao Rio de Janeiro, afirmam que uma nova dinâmica de estruturação urbana toma forma: ao lado da estagnação das áreas residenciais centrais, temos testemunhado o surgimento de novas formas imobiliárias, as quais renovam as cidades, mas causam a segregação (p. 376).

O que se observa na metrópole belo-horizontina, ao contrário, é um *continuum* territorial, em que, de um lado, espaços superiores vão se expandindo no sentido da Lagoa da Pampulha e na direção sul (na unidade espacial de tipo superior-polarizado) e, de outro, espaços também contíguos, populares e cada vez mais

42 Costa (1983) mostra a expansão do mercado de lotes populares nas periferias mais distantes, a partir de 1979, quando a Lei Federal de Parcelamento N^o 6766 exigiu a anuência do órgão metropolitano de planejamento para aprovação de loteamentos situados dentro da região metropolitana.

43 Em Nova Lima, por exemplo, cerca de 90% da área urbanizável pertence a mineradoras (ver Bhering, 2002).

periféricos expandem-se nas direções norte e oeste. Uma grande região de espaços intermediários vai se tornando mais heterogênea, com a mescla de segmentos médios e operários, por um lado, e de segmentos operários e populares, por outro.

A organização socioespacial no início dos anos 1990 é resultado de uma estrutura social complexa, mais mesclada no território. Entretanto, em uma visão macro, o distanciamento social entre centro e periferia vem se aprofundando.

Referências

- BASSAND, M. e BRULHARDT, M. (1980). *Mobilité spatiale*. Saint-Sphorin, Suisse, Georgi (publications du Fonds National Suisse de la Recherche Scientifique dans le Cadre des Programmes Nationaux de Recherche, v. 5).
- BHERING, I. G. de A. (2002). *Condomínios fechados: os espaços da segregação e as novas configurações do urbano*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.
- BOURDIEU, P. (1997). “Efeitos do lugar”. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes.
- CALDEIRA, T. P. R. (1996). Building up walls: the new pattern of spatial segregation in Sao Paulo. *International Sociology Science Journal*, n. 147, pp. 55-65.
- CHENU, A. e TABARD, N. (1993). Les transformations socioprofessionnelles du territoire français: 1982-1990. *Population*, n. 6, pp. 1735-1770.
- COSTA, H. S. de M. (1983). *The production of popular residential land developments in Belo Horizonte, Brazil*. Master of Philosophy. Londres, The Architectural Association Planning.
- GIST, N. P. e FAVA S. F. (1964). *Urban Society*. 5 ed. New York, Thomas Y. Crowell Co.
- MATOS, R. E. da S. (1995). *Dinâmica demográfica e desconcentração populacional na macrorregião de Belo Horizonte*. Tese de doutorado em Demografia. Belo Horizonte, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais.

- MENDONÇA, J. G. de (2002). *Segregação e mobilidade residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. Tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PLAMBEL (1985). *A estrutura urbana da RMBH*. Belo Horizonte, Plambel. 2 v. (v. 2: A estrutura atual).
- PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (1995). *Plano Diretor de Belo Horizonte; Lei de Uso e Ocupação do Solo; Estudos Básicos*. Belo Horizonte, PBH.
- RIBEIRO, L. C. de Q. e LAGO, L. C. do (1995). Restructuring in large Brazilian cities: the centre/periphery model. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 19, pp. 369-382.
- _____. (2000). O espaço social das grandes metrópoles brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, n. 3, pp. 111-129.
- RIGOTTI, J. I. R. e RODRIGUES, R. do N. (1994). Distribuição Espacial da População na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9. Caxambu. *Anais*, v. 1, pp. 435-456.
- SOUZA, J. M. de e TEIXEIRA, J. G. (1999). Desigualdade socioespacial e migração intra-urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte 1980-1991. Pronex-CNPq/ Educ/ Fapesp. *Cadernos Metrôpole Desigualdade e Governança*, n. 1, pp. 100-133.
- VILLAÇA, F. (1998). *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Lincoln Institute/Fapesp/ Studio Nobel.

Recebido em 10/3/2003

Aprovado em 7/4/2003

Anexos

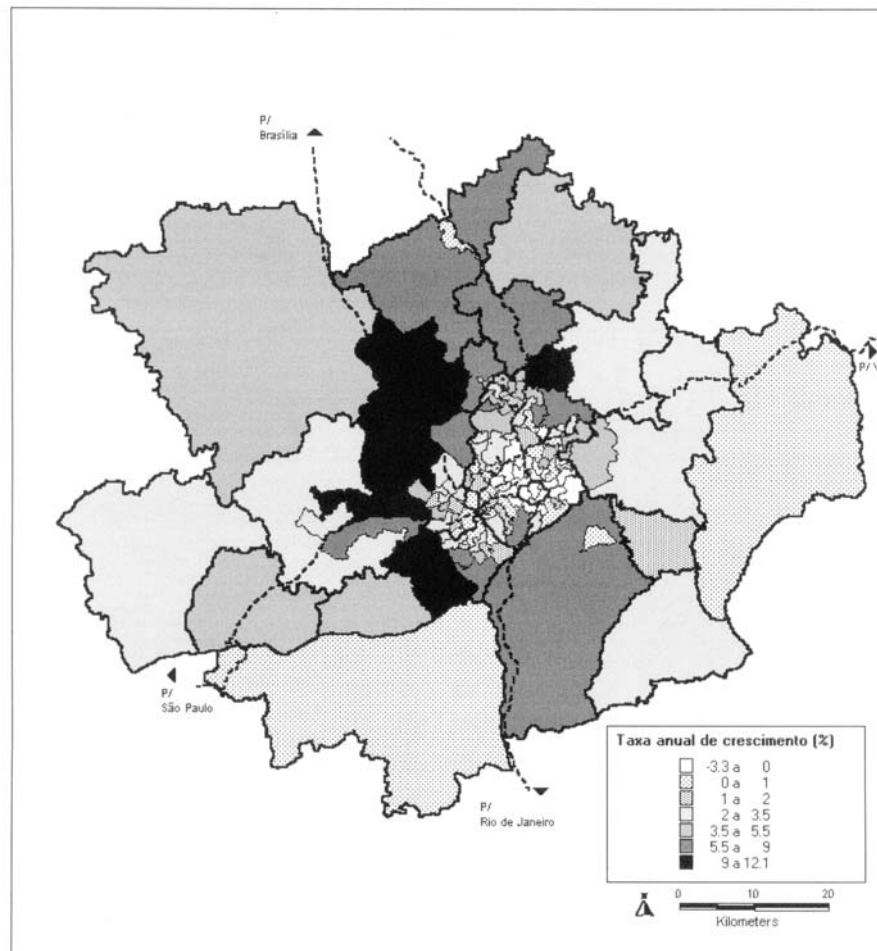


Figura 1 – Região metropolitana de Belo Horizonte: divisão municipal e crescimento demográfico por unidade espacial homogênea – 1980-1991

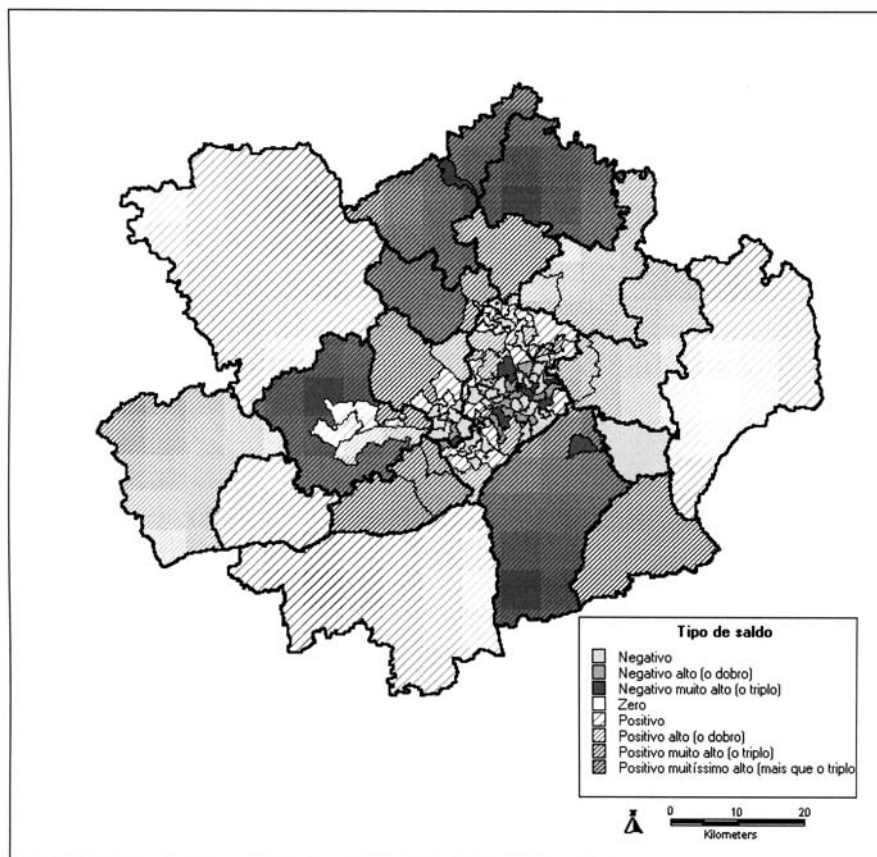


Figura 2 – Região metropolitana de Belo Horizonte: divisão municipal e saldo de mobilidade residencial por UEH – 1982-1992

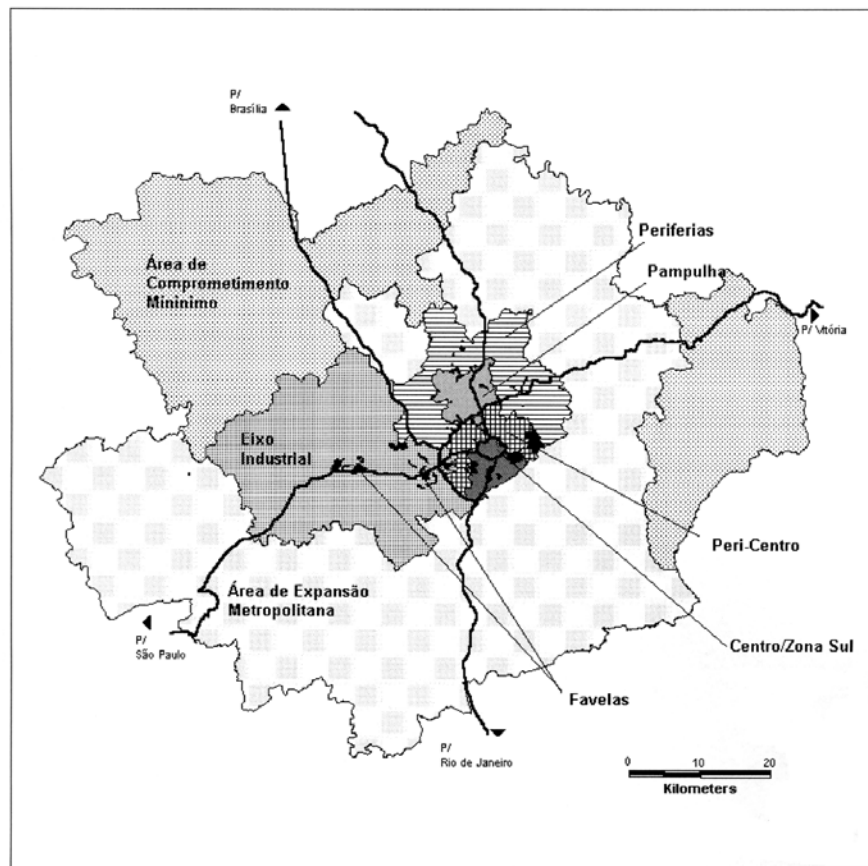


Figura 3 – Região metropolitana de Belo Horizonte – 1991 macrounidades

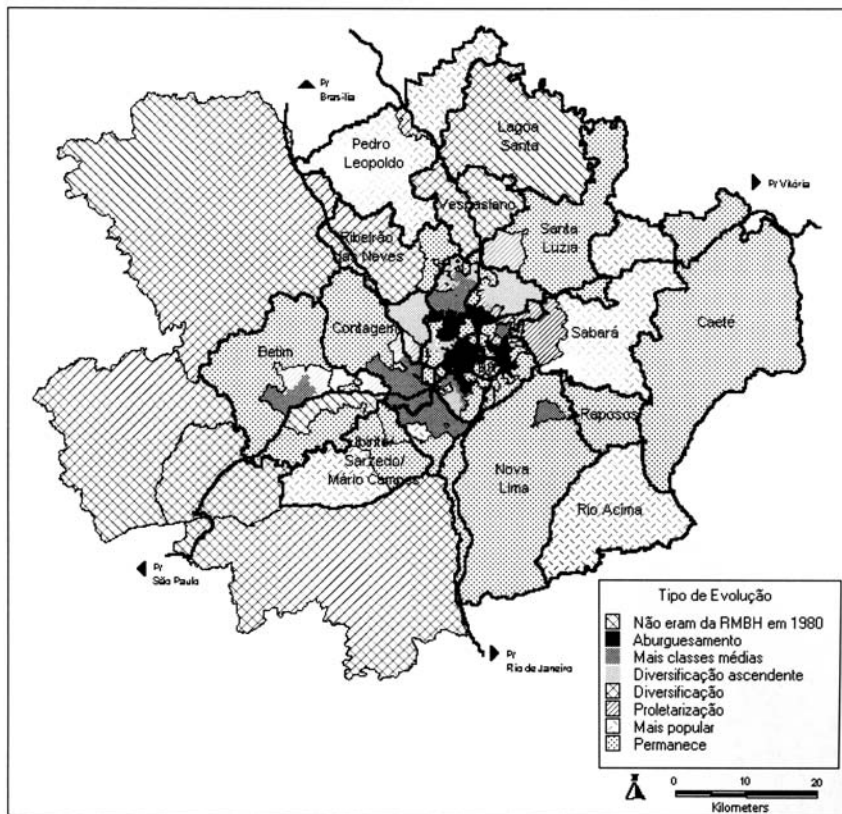


Figura 4 – Região metropolitana de Belo Horizonte – divisão municipal e evolução socioespacial 1980-1991

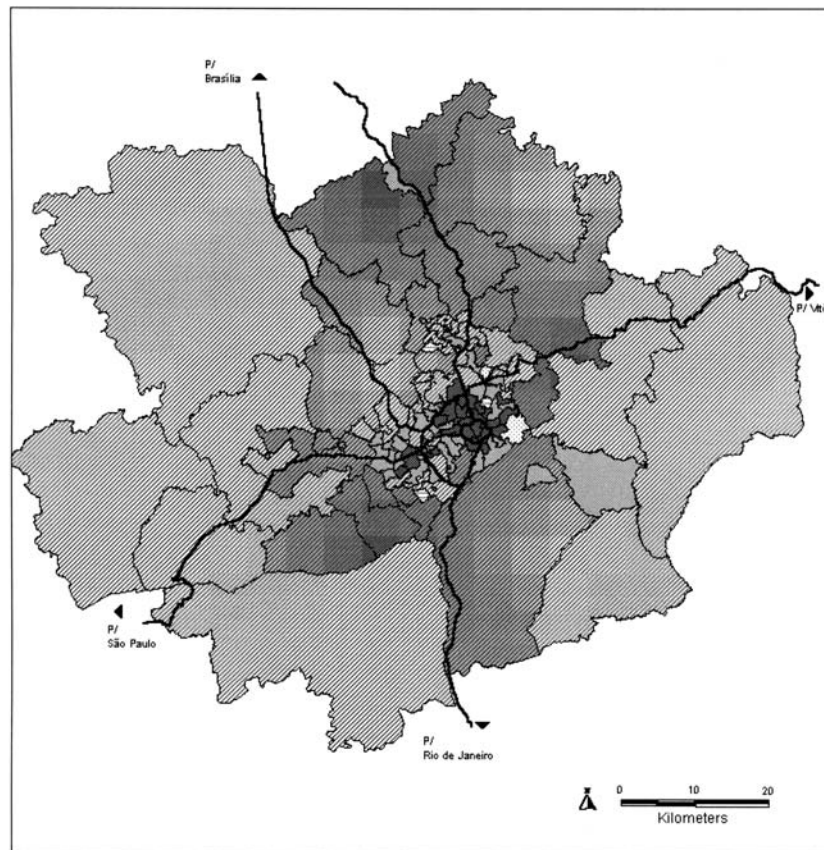


Figura 5 – Região metropolitana de Belo Horizonte: tipologia demográfica por UEH